

## **REFUGIADOS E O CAMPO: UMA RELAÇÃO DE PODER E RESISTÊNCIA.**

**Aluno: Ana Luiza Lacerda**  
**Orientador: Carolina Moulin**

### **Introdução.**

A pesquisa em questão visa discutir a relação entre o refugiado e o campo de refugiados. A atenção dessa pesquisa se volta para as relações entre humanitários e refugiados estabelecidas nesse espaço geográfico particular, espaço esse onde as práticas disciplinares e as intervenções biopolíticas tornam-se rotineiras, refletidas em procedimentos e técnicas [1,2,3]. O problema de pesquisa que iniciou o trabalho é interessado na possibilidade de resistência dos refugiados às técnicas e procedimentos que marcam as relações dentro do campo e, se for possível, de que maneira essas resistências podem transformar o cotidiano do campo.

Partindo do problema inicial, foi entendido que outras perguntas devem ser respondidas para que se possa buscar um argumento central empírica e teoricamente embasado. As perguntas que surgem dizem respeito às categorias que estão sendo utilizadas. Quem é o refugiado? O que é o campo? Também, elas questionam quais são as práticas às quais possa haver resistência. Quais são as técnicas e práticas do campo que marcam o cotidiano da vida do refugiado? Principalmente, é preciso entender de que forma essas práticas se relacionam com a vida do refugiado, de que forma elas organizam a vida e a controlam. Que tipo de relações são estabelecidas no campo?

Considera-se como argumento inicial, então, a possibilidade do refugiado de efetivamente resistir a essas práticas e a pesquisa então, tenta fundamentar esse argumento, porém, sem deixar de questioná-lo. Além, o que será desenvolvido cada vez mais dentro da presente pesquisa é o entendimento dessa resistência, como ela é feita, ao que ela responde, o que ela muda. Essa resistência, finalmente, só pode existir se entendermos os processos estabelecidos e por que essa resistência emerge.

As respostas que surgiram durante o processo de pesquisa apoiaram-se em diferentes marcos teóricos que objetivavam encontrar para a observação empírica, ecos dentro do

campo teórico das Relações Internacionais. Acredito, portanto, que o foco que diferentes visões teóricas dão aos números, fotos, mapas, declarações e relatórios, correspondem ao que é utilizado na prática para criticar e efetivamente transformar as práticas dentro do campo de *policy-making* de organizações que lidam com refugiados. Assim, é extremamente relevante observar as diferentes perspectivas para que se possa modificar as práticas e torná-las menos violentas e menos universalistas, respondendo a cada contexto, observando que as relações interpessoais devem ser o molde para qualquer política.

### **Metodologia.**

Para entender o que acontece no campo é preciso entender como se observa o campo. Assim, essa pesquisa utiliza-se de material empírico que retrata o campo e suas práticas. Principalmente fotos, mas também relatórios oficiais, transcrições de depoimentos de refugiados, reportagens e vídeos.

Acesso fotografias de diferentes lentes para então compará-las. Por um lado aquelas tiradas pelas organizações oficiais, principalmente pelo ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [4], mas também outras ONGs [5]. Vale ressaltar que as fotografias utilizadas nessa pesquisa são atuais, visto que as mais antigas enxergam por lentes ainda mais diferentes e meu objetivo é considerar políticas realizadas no presente momento e estado da arte. Outras fotografias utilizadas referem-se a pesquisas individuais, não necessariamente representando uma organização em particular, ou a imagens que saem de dentro do próprio campo, e tem o registro daqueles que dele participam [6].

Os relatórios de organizações internacionais e suas propagandas também são estudados, para entender o retrato, retrato esse que é a política atual que responde a questão dos refugiados, passado para o mundo “exterior”. Os discursos presentes nessas comunicações influenciam diretamente a opinião pública, importantes doadores e possíveis apoiadores de uma determinada política em detrimento de outras. Assim, essa pesquisa empírica traz uma apresentação clara das perspectivas e objetivos dessas OIs.

### **Desenvolvimento**

Com a análise das fotos chegou-se ao entendimento de duas formas de ver o refugiado: a visão das agências humanitárias é do refugiado vítima, que está totalmente desprovido de direitos e tem a vida garantida apenas por aqueles que administram o campo, esse refugiado só tem as necessidades básicas e não por que nem condições psicológicas

para se engajar politicamente; a visão que os próprios refugiados demonstram revela pessoas que tem voz, que convivem em uma quase comunidade, que lutam pelos seus ideais e necessidades.

O campo é demonstrado pelas agências como o lugar da salvação, o espaço da segurança e estabilidade, longe dos distúrbios políticos e violência, sendo assim, um lugar apolítico. Os refugiados, porém, clamam por melhores condições de vida, mostram suas frustrações e exibem o campo enquanto lugar da política [7].

As interações entre o campo e o refugiado foram analisadas à luz da descrição dos procedimentos diários, como a contagem de cabeças e a criação de categorias estatísticas e dos mapas desses campos. Aqui, a utilização da teoria Foucauldiana forneceu instrumentos para o entendimento desses processos como intervenções biopolíticas e geografias e técnicas disciplinares [1,2,3].

### **Resultados**

A utilização dos elementos empíricos pode levar a afirmação do argumento principal. Observando as fotos que retratam os refugiados e contrastando-as com as que os mostram protestando, enxergamos a diferença entre o que o discurso oficial nos mostra e o sujeito político refugiado. A descrição dos procedimentos diários e mapa do campo também contrastadas com fotos que mostram refugiados tentando fazer um uso melhor para si desses procedimentos e protestando contra as condições de vida do campo mais uma vez traz a tona a capacidade dos refugiados de fazer mais do que aquilo que as agências demonstram [6].

Assim, com a comparação dessas fotos e evidências empíricas podemos encontrar o argumento inicial. A partir da idéia de Foucault de que onde há política há resistência, chegamos a conclusão de que as interações entre o campo, humanitários e refugiados mostram relações de poder, relações sociais, políticas [1,2]. Nessas relações os embates entre práticas e sujeitos dão espaço para a resistência emergir. A pesquisa, porém, ainda deverá explorar os canais dessa resistência, sua expressão.

### **Conclusão**

A presente pesquisa objetivou analisar a relação entre refugiados e humanitários no espaço do campo. Observando as práticas e técnicas do campo bem como sua representação em fotos e discursos foi possível contrastar aquilo que as agências humanitárias mostram

para a comunidade internacional e aquilo que os refugiados realmente vivem. Com auxílio dos conceitos Foucauldiano de poder, política, disciplina e biopolítica, chegamos a conclusão de que a resistência pode emergir no espaço do campo e modificar as práticas dentro dele.

O trabalho visou ainda iniciar um aprofundamento sobre os canais da resistência, sua forma e representação.

### **Bibliografia**

1. FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. Curso dado no Collège de France, 1977-1978. Tradução de E. Brandão, Martins Fontes Ed., São Paulo, 2008, 295p.
2. FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Martins Fontes Ed., São Paulo, 2010, 234 p.
3. FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**, *Martins Fontes Ed.*, São Paulo, 2005, 312 p.
4. UNHCR. **Statistical Yearbook. Demography, Characteristic and Location**. UNCHR, Geneve, 2009.
5. TERRY, F. **Condemn to Repeat: The Paradoxes of Humanitarian Action**. Cordel University Press, 2002, 345 p.
6. HYNDMAN, J. **Managing Displacement. Refugees and the Politics of Humanitarianism**. University of Minnesota Press, Minneapolis, 2000, 285 p.
7. NYERS, P. Refugees, Humanitarian Emergencies, and the Politicization of Life. **Refugees**, v. 17, n. 6, p. 16-21, 1998.